

A atitude crítica: ponto comum entre a reflexão filosófica e a reflexão estética

Conteúdos

- O conceito de crítica;
- A apreciação estética das obras de arte e a atitude crítica em Filosofia.

Objetivos

- Analisar a identidade do filósofo enquanto crítico a partir da incorporação do conceito de crítica à Filosofia no século XVIII;
- Distinguir a análise da crítica das obras de arte;
- Distinguir a crítica das obras de arte do mero juízo de gosto, a fim de compreender a atitude crítica.

Para começar

3 minutos

VIREM E CONVERSEM



Observe a Mona Lisa de Leonardo da Vinci.

A partir de suas observações e do que você conhece desta obra, responda:

- **Você gosta desta obra? Por quê?**
- **Você gosta de sorvete de morango? Por quê?**
- **Gostar da Mona Lisa e de sorvete de morango tem o mesmo significado? Por quê?**

Reprodução – WIKIPEDIA, [s.d.].
Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Mona_Lisa.
Acesso em: 18 nov. 2024.



Como constituímos nossos gostos?

Nem todos gostamos das mesmas coisas. Nossos gostos sofrem influências de elementos históricos, culturais e sociais. Mas o gosto também tem seu lado subjetivo, que escapa de explicações mais objetivas.

A experiência pessoal do sabor do sorvete (gosto dos sentidos), por exemplo, é subjetiva e incomunicável. Podemos acreditar que morango é o sabor mais gostoso! No entanto, não podemos pretender que todos o saboreiem da mesma maneira ou que sejam convencidos por nossos argumentos, de que o nosso sorvete favorito é, realmente, o melhor para todos. O gosto de cada pessoa por sorvetes e outros alimentos é algo bastante subjetivo.



© Pixabay

Para refletir



- E quando se trata de uma obra de arte?
- É possível explicar por que gostamos ou não de uma obra de arte?

Podemos educar nosso gosto?

O gosto é certo modo de sensibilidade, certo discernimento que permite ver ou distinguir certas qualidades e que nos leva a nos aproximar ou nos afastar de alguma coisa.

Ao apreciar um quadro, ouvir uma música, ler uma poesia, por exemplo, nos colocamos diante de um conjunto de ideias, valores e emoções que pode tanto corresponder a nossas predileções quanto romper com elas. Diante desse contexto, como formar ou ampliar o gosto para realizar uma apreciação estética?

1

É preciso ir além do que já gostamos. Ou seja, é preciso estar disponível para apreciar o que ainda não sabemos se gostamos.

2

Diante de uma obra de arte é preciso, antes, escolher experimentar. Dispor-se a sentir e refletir é um pré-requisito para avaliar sem preconceito.

3

É preciso procurar deixar a obra se revelar, e não impor padrões pessoais a ela.

4

Não é preciso abrir mão das suas predileções, mas é fundamental acessar e se abrir para outras obras, diferentes linguagens e suportes.



Pause e responda

Podemos educar nosso gosto?

Para formar ou ampliar nosso gosto estético, devemos:

manter o que gostamos e talvez
agregar à nossa experiência
estética objetos parecidos com o
que já apreciamos.

ir além do que já gostamos. Ou
seja, é preciso estar disponível
para apreciar o que ainda não
sabemos se gostamos.



Pause e responda

Podemos educar nosso gosto?

Para formar ou ampliar nosso gosto estético devemos:



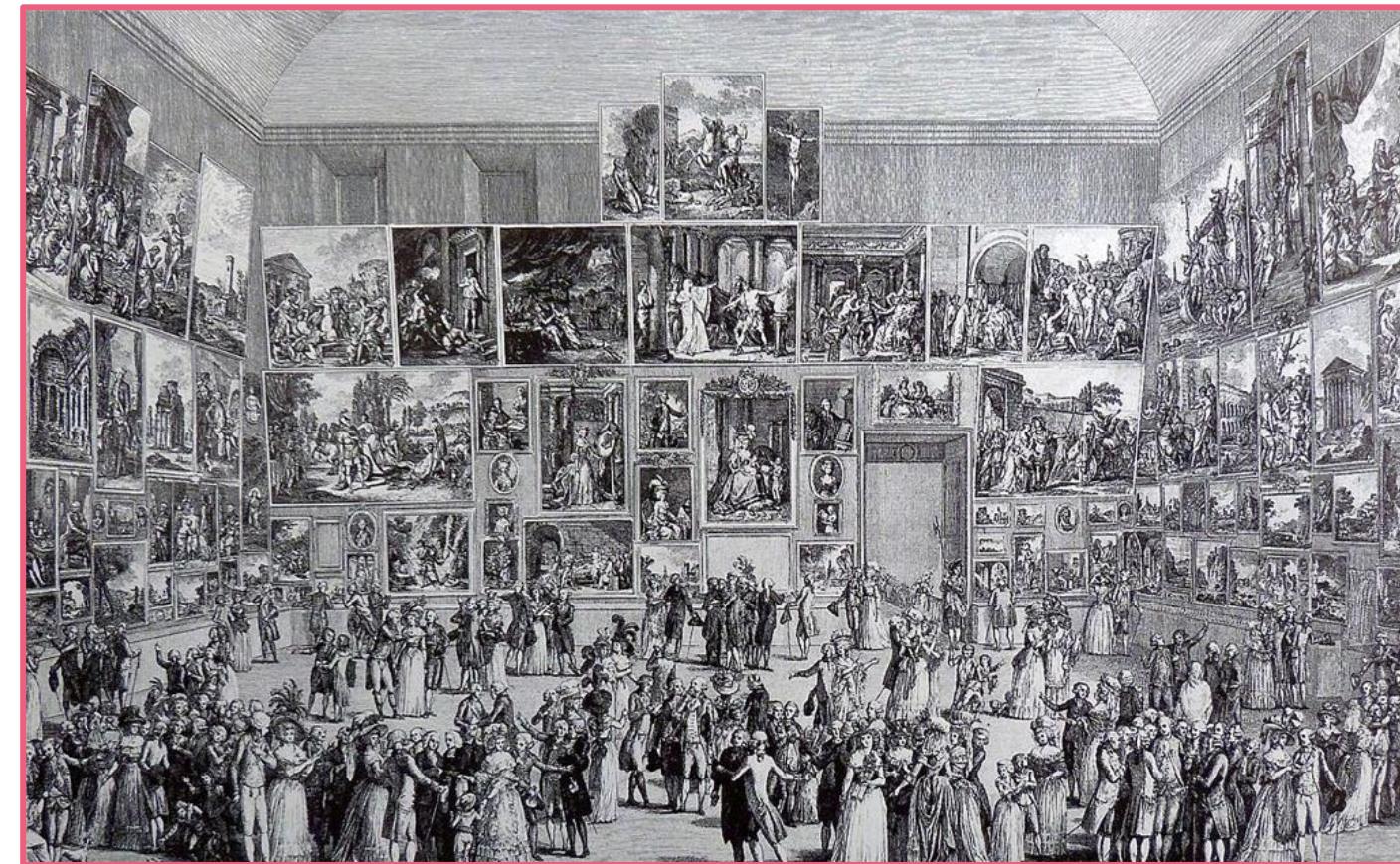
**manter o que gostamos e talvez
agregar à nossa experiência
estética objetos parecidos com
o que já apreciamos.**



**ir além do que já gostamos. Ou
seja, é preciso estar disponível
para apreciar o que ainda não
sabemos se gostamos.**

A crítica no século XVIII

A crítica de arte adquiriu sua forma moderna no século XVIII. O primeiro uso da expressão "**crítica de arte**" foi feito pelo pintor inglês Jonathan Richardson, na sua publicação de 1719 "Um ensaio sobre toda a arte da crítica". Ele buscou criar um sistema objetivo para ranquear as obras de arte.



Reprodução – SIREN-COM/WIKIMEDIA COMMONS, 2011. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Salon_du_Louvre_1787.jpg. Acesso em: 18 nov. 2024.

A expressão “crítica de arte” se popularizou para designar a apreciação estética das obras de arte.

Destaque

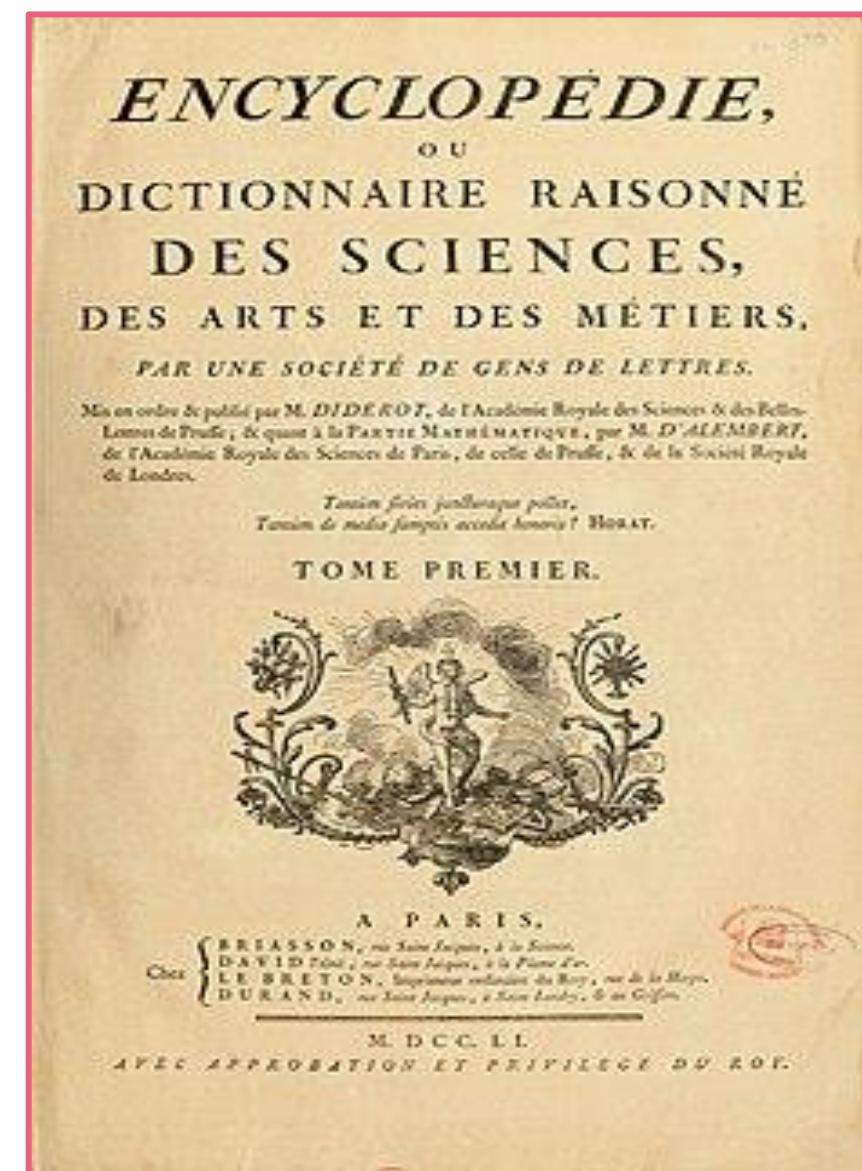
A imagem retrata um dos ambientes em que a crítica de arte ganhou relevância. O Salão de Paris foi fundado em 1667 na capital francesa para exibir obras de arte dos membros da Academia Real de Pintura e Escultura.

A crítica na Encyclopédie

Na França do século XVIII, a Encyclopédie, empreendimento do movimento Iluminista, incluiu o verbete “crítica” advertindo seus leitores sobre a ideia de submeter dogmas e opiniões do senso comum ao exame da razão. O verbete abordava a importância do pensamento crítico e a análise racional como ferramentas essenciais para o progresso do conhecimento e a superação de preconceitos e superstições.

Destaque

A Encyclopédie compreende 35 volumes e foi editada pelos filósofos **Jean le Rond D'Alembert** e **Denis Diderot**. Muitos dos personagens mais importantes do Iluminismo francês contribuíram para a obra, incluindo **Voltaire**, **Rousseau** e **Montesquieu**.



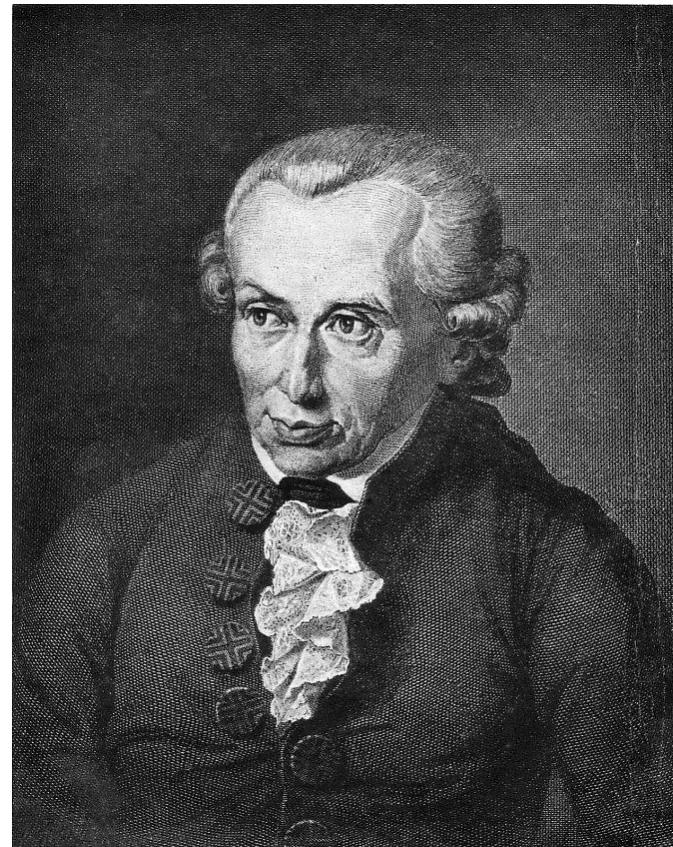
Reprodução – WIKIPEDIA, [s.d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Encyclop%C3%A9die>. Acesso em: 18 nov. 2024.

A crítica na Filosofia

No campo da Filosofia, a crítica ganhou um significado mais profundo com o pensador Immanuel Kant. Em *Crítica da razão pura* (1781), ele usou o termo para descrever a análise dos limites e das capacidades do conhecimento humano. A crítica, nesse sentido, envolvia uma reflexão sobre as condições de possibilidade do conhecimento e da experiência.

A palavra “crítica” tem suas raízes no grego antigo. Ela deriva do termo *kritikós* (κριτικός), que significa “**capaz de julgar**” ou “**apto a julgar**”. Esse termo, por sua vez, vem do verbo *krinein* (κρίνειν), que significa “**separar**”, “**decidir**” ou “**julgar**”.

Fonte: ORIGEM DA PALAVRA, [s.d.].



Emanuel Kant.

Reprodução – WIKIPEDIA, [s.d.]. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c/Immanuel_Kant_%28portrait%29.jpg. Acesso em: 18 nov. 2024.

Destaque

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão. Em sua obra, abordou de forma sistemática temas filosóficos como epistemologia, metafísica, ética e estética. Kant escreveu três críticas fundamentais: *Crítica da razão pura*, *Crítica da razão prática* e *Crítica da faculdade de julgar*.

A Filosofia, assim como a arte, pode ser objeto apenas de crítica

Coerente com as abordagens e as convenções de sua época, Kant vincula a arte ao conceito do belo. O belo, a beleza, segundo esse filósofo, está relacionado ao gosto. O gosto exige pensar e sentir, condição para a crítica estética.

1

Crítica estética

A obra de Kant, especialmente a *Crítica da faculdade de julgar* (1790), foi fundamental para a consolidação da crítica estética moderna.

2

Pretensão do gosto

Kant argumentou que o juízo de gosto tem uma **pretensão de universalidade**, mesmo sendo baseado em uma experiência subjetiva.

3

Um apelo

O gosto não é passivo e pode ser exercitado. Ao apresentar critérios de apreciação, se propõe à universalidade, num apelo a que os outros compartilhem desse juízo.

4

Compreensão ideal

A crítica estética tenta articular esses juízos de gosto de maneira que possam ser compreendidos e, idealmente, aceitos por outros.

Juízo do gosto

“

Para distinguir se algo é belo ou não, referimos a representação não pelo entendimento ao objeto em vista do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação (talvez ligada ao entendimento) ao sujeito e ao seu sentimento de prazer ou desprazer. O juízo do gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo [...]

(KANT, [s.d.])

A partir do excerto podemos notar que, para avaliarmos se algo é belo, **não** conhecemos o objeto pelas mesmas categorias que constituem as leis que ordenam a natureza (Física), dadas pelo **entendimento**.

Na formação do juízo de gosto, somos dirigidos pela **imaginação**, que vincula a **representação de um objeto a um sentimento de prazer ou de desprazer**.

Em domínios do conhecimento como a Física, as leis conhecidas por nosso entendimento estão vinculadas aos objetos naturais. No juízo estético, ao contrário, não podemos pretender vincular o sentimento de prazer ou desprazer ao próprio objeto. Tal sentimento não é constitutivo do objeto, ele é próprio ao domínio subjetivo.

Fonte: FEITOSA, 2013.

Destaque



Apesar da sua determinação subjetiva, o gosto pode ser manifestado publicamente buscando-se aceitação de outros. Ao contrário dos domínios do conhecimento em que a validade lógica de um argumento nos permite esperar convencer todos os outros seres racionais, nos juízos de gosto, apesar de pretendermos, não podemos exigir concordância universal.



O juízo de gosto para Kant

Ao declarar publicamente que algo é belo, apesar de ser uma questão subjetiva, pretende-se:

expressar uma preferência pessoal sem esperar que outros concordem.

obter uma aceitação geral, ou seja, que os outros concordem.



Pause e responda

O juízo de gosto para Kant

Ao declarar publicamente que algo é belo, apesar de ser uma questão subjetiva, pretende-se:



expressar uma preferência pessoal sem esperar que outros concordem.



obter uma aceitação geral, ou seja, que os outros concordem.



Para além do sentimento de prazer ou desprazer provocado em nós pela arte, é possível **analisar uma obra de arte** com critérios menos subjetivos, os quais podem apoiar a pretensão de universalidade de nossos juízos de gosto.

Há muitas coisas que podemos dizer sobre uma obra de arte para além de “gostei” ou “não gostei”!

Vamos fazer um exercício com a obra *O sonho da razão produz monstros* (*El sueño de la razón produce monstruos*), do pintor espanhol Francisco de Goya, de 1799.

Considere as aprendizagens realizadas nesta aula, valorizando sua subjetividade. Abra espaço para o seu sentimento, a sua emoção.

Contudo, vale destacar que não é possível limitar-se apenas ao domínio da subjetividade e da incomunicabilidade (ao “gostei” ou “não gostei”). É preciso refletir, observar detalhes e criar hipóteses para o que, na obra de arte, provoca as nossas emoções, os nossos sentimentos.

Acompanhe os seguintes passos para analisar a obra:



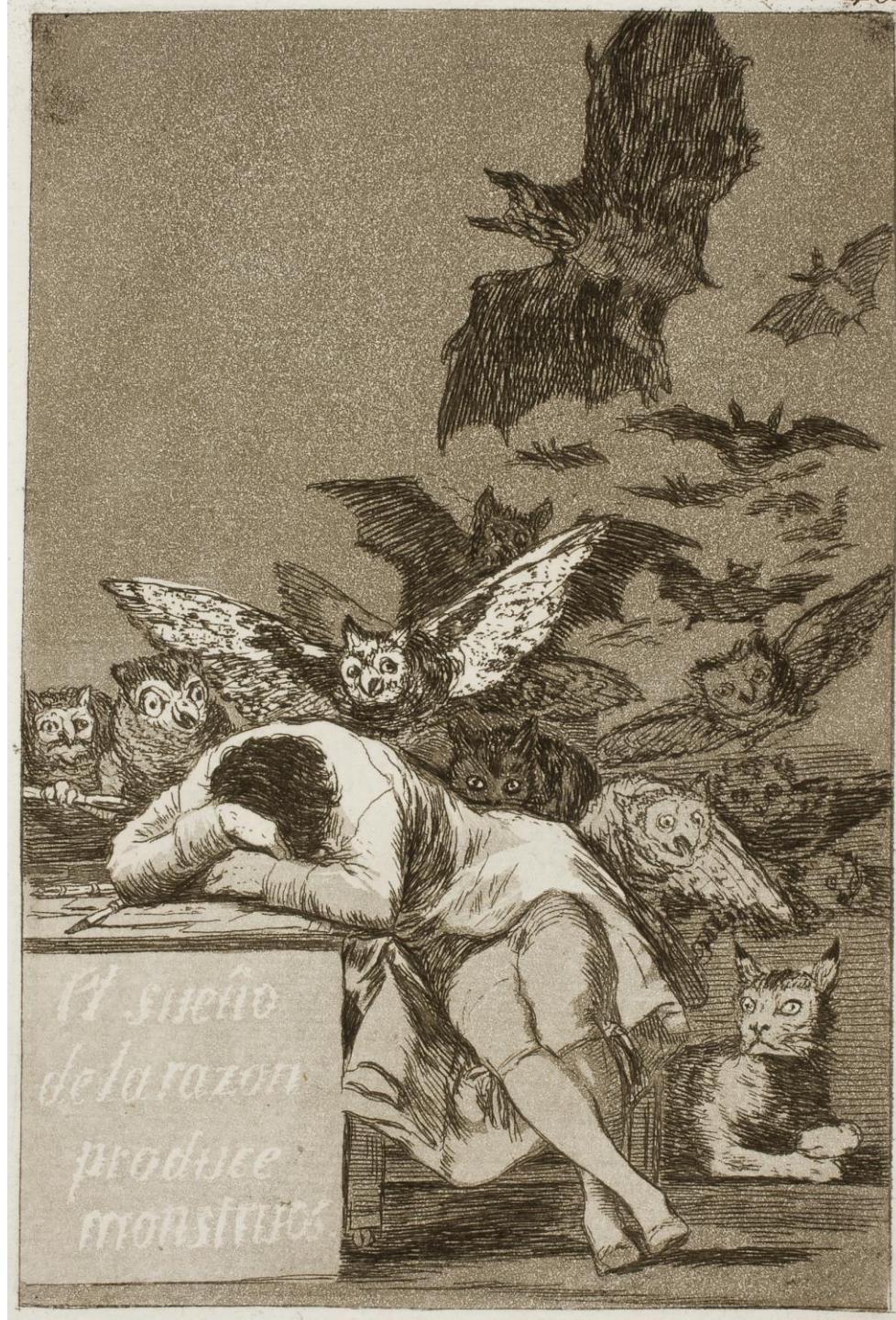


1. As linhas são suaves ou marcadas? Qual é o resultado que essa escolha do artista provoca?
2. Qual é o efeito provocado pela luz?
3. As cores e os tons utilizados provocam alguma sensação?
4. Quais elementos simbólicos na cena retratada podem revelar a intencionalidade da obra além do seu título?
5. A obra analisada tem o potencial de despertar alegria, tristeza, confusão, aversão ou outro sentimento ou emoção? Explique.
6. O título dado à obra é compatível com o seu conteúdo? Por quê?
7. A obra tem o potencial de gerar algum impacto no público?
8. A obra é bela? Por quê?



O sonho da razão produz monstros
(*El sueño de la razón produce monstruos*), gravura 43 de um conjunto de 80, da série “Los caprichos”, do pintor espanhol Francisco de Goya, publicada em 1799.

Reprodução – WIKIPEDIA, [s.d.]. Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f5/Museo_del_Prado_-_Goya_-_Caprichos_-_No._43_-_El_sue%C3%B1o_de_la_razon_produce_monstruos.jpg.
Acesso em: 18 nov. 2024.



Correção

1. Resposta aberta. Contudo, espera-se que os estudantes identifiquem linhas finas, mas bem marcadas, o que confere movimento à cena.
2. Resposta aberta. É possível que os estudantes identifiquem na luz o efeito de dramaticidade à cena.
3. Resposta aberta e subjetiva. Contudo, espera-se que os estudantes observem que não há grande variedade de cores.
4. Resposta aberta. Contudo, espera-se que os estudantes identifiquem que os objetos de escrever e desenhar sobre a mesa estão em branco. A escrita ou mesmo as técnicas de desenho são recursos para a expressão da razão e estão em desuso enquanto o artista dorme. Ou seja, a razão está adormecida.

Correção

5. Resposta aberta e pessoal. Espera-se que os estudantes consigam indicar a partir de elementos presentes na obra as suas reações sentimentais e emocionais.
6. Resposta aberta. Contudo, espera-se que o estudante relate o sono do personagem e os materiais sobre a mesa, em que ele repousa a cabeça, com o sono da razão; e a mutação dos animais, que surgem por trás do personagem, com a produção de monstros, sendo, dessa forma, compatível o título dado à obra com o seu conteúdo.
7. Resposta aberta e pessoal. Contudo, espera-se que os estudantes reflitam sobre a mensagem da obra como um alerta sobre as consequências de se colocar a razão em “descanso”. E os monstros, considerando-se o período da obra, podem estar relacionados com a ignorância, que leva à violência.
8. Resposta aberta e pessoal.

COM SUAS PALAVRAS



Para encerrar o tema desta aula, responda às questões que se seguem:

1. Os passos indicados para analisar a gravura podem ser adaptados para outras obras artísticas, como a música, a poesia ou a escultura?
2. Quais outras questões podem ser propostas para analisar uma obra de arte?
3. Você gostou de analisar uma obra de arte?



Referências

ARANHA, M. L. de A. A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1998.

COLI, J. O sono da razão produz mostros. **Artepensamento – IMS**, 1996. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-sono-da-razao-produz-mostros/>. Acesso em 18 nov. 2024.

FEITOSA, C. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2013.

KANT, I. Parágrafos selecionados da: Crítica da faculdade do juízo. **E-Disciplinas**, [s.d.]. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5091613/mod_resource/content/0/KANT_Crítica_da_Faculdade do Juízo_analitica_do_belo.pdf. Acesso em 18 nov. 2024.

LEMOV, D. **Aula nota 10 3.0**: 63 técnicas para melhorar a gestão da sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2023.

ORIGEM DA PALAVRA. **Crítica**, [s.d.]. Disponível em:

<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/critica/>. Acesso em 18 nov. 2024.

REZENDE, A. **Curso de filosofia**: para professores e alunos dos cursos de ensino médio e de graduação. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Curriculum Paulista**: etapa Ensino Médio, 2020. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/CURRÍCULO-PAULISTA-etapa-Ensino-Médio_ISBN.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.

SENA, D. R. de C.; SILVA, V. L. Kant e a estética: arte como formação. **Perspectivas – Revista do programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins**, v. 6, n. 1, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/perspectivas/article/view/11027>. Acesso em 18 nov. 2024.

ZANK, C.; RIBEIRO, J. A. R.; BEHAR, P. A. O significado de crítica e sua relação com a concepção de educação. **Curriculum sem Fronteiras**, v. 15, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/zank-ribeiro-behar.pdf>. Acesso em 18 nov. 2024.

Identidade visual: imagens © Getty Images

Para professores



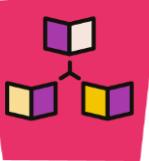
Habilidade: (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (SÃO PAULO, 2020)



Aprofundamento: REZENDE, A. **Curso de filosofia:** para professores e alunos dos cursos de ensino médio e de graduação. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.



Tempo: 2 minutos.



Dinâmica de condução: professor, nesse primeiro momento da aula, a ideia é promover uma discussão curta e em pares para que os estudantes reflitam sobre a questão do gosto em dois contextos distintos. Dessa forma, você pode esclarecer aos estudantes a proposta desse primeiro momento, solicitar que respondam às questões propostas e, em seguida, verificar se algum deles deseja socializar o que foi discutido. Você também pode escolher uma dupla para que faça rapidamente sua exposição acerca do que foi discutido. As questões são abertas, assim como as respostas.



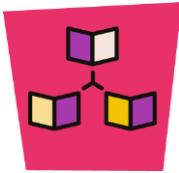
Expectativas de respostas: professor, espera-se que os estudantes, ao responder às questões propostas, evidenciem algum estranhamento acerca das duas formas de pensar o gosto.



Aprofundamento: ver o artigo ZANK, C.; RIBEIRO, J. A. R.; BEHAR, P. A. O significado de crítica e sua relação com a concepção de educação. **Curriculum sem Fronteiras**, v. 15, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/zank-ribeiro-behar.pdf>. Acesso em 18 nov. 2024.



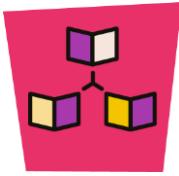
Tempo: 2 minutos.



Dinâmica de condução: professor, “Pause e responda” é uma estratégia pedagógica pensada para reforçar a compreensão dos estudantes e garantir que todos acompanhem o ritmo da aula. Dessa forma, essa pausa visa verificar se os estudantes compreendem a peculiaridade do gosto estético e como ele pode ser ampliado para a apreciação da obra de arte. A partir da questão proposta, você pode chamar alguns estudantes aleatoriamente para responder à pergunta. Você também pode pedir aos estudantes que votem levantando a mão para a alternativa que acharem correta. Isso não só verifica a compreensão, mas também envolve toda a turma.



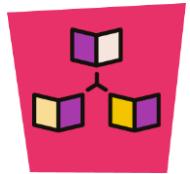
Tempo: 2 minutos.



Dinâmica de condução: professor, “Pause e responda” é uma estratégia pedagógica pensada para reforçar a compreensão dos estudantes e garantir que todos acompanhem o ritmo da aula. Essa breve pausa tem por objetivo verificar até que ponto os estudantes compreendem a perspectiva kantiana acerca da possibilidade de comunicar o sentimento de belo, que é subjetivo, assim como o motivo de fazê-lo. Sugerimos que aproveite essa ocasião para trazer explicações acerca da crítica do juízo empreendida por Kant.



Tempo: 12 minutos.



Dinâmica de condução: propõe-se uma leitura em voz alta, compartilhada, sobre os pontos propostos para a atividade de análise crítica da obra de arte. Trata-se de uma análise relativamente simples, que visa levar o estudante a parar para observar diferentes elementos que compõem uma obra de arte e analisar os efeitos da composição da obra. Você pode considerar outras questões a seu critério, no sentido de enriquecer a análise dos estudantes.



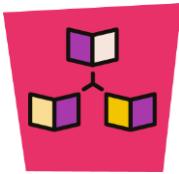
Expectativas de respostas: respostas abertas e pessoais. Contudo, espera-se que os estudantes respondam de forma coerente ao que a obra apresenta.



Aprofundamento: COLI, J. O sono da razão produz monstros. **Artepensamento – IMS**, 1996. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-sono-da-razao-produz-monstros/>. Acesso em 18 nov. 2024.



Tempo: 10 minutos.



Dinâmica de condução: professor, no encerramento, propusemos três questões acerca da atividade sugerida na seção “Na prática”. Trata-se de questões abertas, mas que exigem do estudante um exercício reflexivo continuado. Tendo como referência a atividade, espera-se que os estudantes compreendam que toda obra de arte, apesar do seu caráter sensível, pode ser analisada. Dessa forma, propõe-se que o estudante reflita e apresente respostas para a demanda de adaptação para outros formatos e suportes, que apresente outras questões relacionadas, como com o período em que a obra foi criada, entre outras. Por fim, questiona-se o estudante a fim de saber se apreciou analisar a obra de arte e por quê. Sugerimos que, ao final dessa atividade, você solicite a um ou dois estudantes que compartilhem as suas respostas com os demais.



Expectativas de respostas: espera-se que os estudantes respondam de acordo com as questões propostas e demonstrem interesse em aprimorar as questões de análise dos diferentes tipos de produção artística.

